



*Pelo Amor de
Cassandra*

Título original: *Chasing Cassandra*

Copyright © 2020 por Lisa Kleypas
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Melissa Lopes e Tereza da Rocha

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: © Lee Avison/Trevillion Images

foto da autora: © Danielle Barnum Photography

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K72p

Kleypas, Lisa

Pelo amor de Cassandra [recurso eletrônico] / Lisa Kleypas; tradução de Ana Rodrigues. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital (Os Ravenels; 6)

Tradução de: *Chasing Cassandra*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-054-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

20-66560

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

CAPÍTULO 1

Hampshire, Inglaterra

Junho de 1876

Tinha sido um erro se convidar para o casamento.

Não que Tom Severin desse alguma importância a boas maneiras ou regras de etiqueta. Ele gostava de aparecer de penetra em eventos para os quais não fora convidado, pois sabia que ninguém ousaria enxotar um homem tão rico. Mas deveria ter previsto que o casamento Ravenel seria um tédio absoluto, como eram todos os casamentos. Nada além de baboseiras românticas, comida fria e flores, *muitas* flores. Na cerimônia realizada naquela manhã, a minúscula capela do Priorado Eversby estava abarrotada do chão ao teto, como se todas as floriculturas de Covent Garden tivessem descarregado suas mercadorias ali. O ar estava tão saturado de aromas que ele ficara com uma ligeira dor de cabeça.

Tom atravessou sem pressa a antiga mansão em estilo jacobino, procurando um lugar tranquilo onde pudesse se sentar e fechar os olhos. Lá fora, os convidados se aglomeravam diante da entrada principal para dar vivas aos recém-casados, que partiam para a lua de mel.

Com exceção de alguns poucos convidados como Rhys Winterborne, um galês que era proprietário de uma loja de departamentos, todos ali pertenciam à aristocracia rural. Isso significava que a conversa girava em torno de temas aos quais Tom não dava a menor importância: caça à raposa, música, antepassados ilustres... Naquele tipo de evento, ninguém jamais conversava sobre negócios, política ou qualquer outro assunto que talvez lhe interessasse.

A mansão tinha a aparência dilapidada porém luxuosa típica de uma antiga propriedade rural. Tom não gostava de coisas velhas, do cheiro de mofo e do pó acumulado de séculos, dos tapetes desbotados, das

deformações no vidro das janelas. A beleza do campo ao redor tampouco o encantava. A maior parte das pessoas concordaria que Hampshire, com suas colinas verdes, seus bosques exuberantes e seus córregos de águas cintilantes, era um dos lugares de natureza mais lindos da face da Terra. Em geral, porém, a natureza só interessava a Tom se fosse para ser coberta de estradas, pontes e ferrovias.

O som distante de aplausos e risos o alcançou no interior silencioso da casa. Certamente era o momento em que os noivos iam embora sob uma chuva de grãos de arroz. Todos os convidados que vira pareciam genuinamente felizes, o que Tom achava irritante e um tanto intrigante. Era como se todos soubessem de algum segredo que lhe escapara.

Depois de ter feito fortuna com ferrovias e construção civil, Tom jamais havia esperado voltar a sentir inveja. Mas ali estava ela, corroendo-o por dentro como cupim em madeira velha. Não fazia sentido. Ele era mais feliz do que a maioria das pessoas presentes, ou pelo menos mais rico, o que era mais ou menos a mesma coisa. Mas por que não se *sentia* feliz? Fazia meses desde a última vez que de fato sentira alguma coisa. Aos poucos fora dominado pela consciência apavorante de que todos os seus apetites habituais tinham se embotado. Coisas que geralmente lhe davam prazer agora o entediavam. Nada, nem mesmo passar uma noite nos braços de uma bela mulher, vinha sendo satisfatório. Ele nunca fora assim. E não tinha a menor ideia do que fazer a respeito.

Achou que poderia lhe fazer bem passar algum tempo com Devon e West Ravenel, que conhecia fazia pelo menos uma década. Os três, ao lado dos demais integrantes de uma turma de reputação duvidosa, já haviam se metido em muitas brigas juntos e farreado bastante por Londres. Mas as coisas haviam mudado. Dois anos antes, Devon herdara inesperadamente um condado e assumira o papel de patriarca responsável. E West, antes um bêbado despreocupado, agora administrava a propriedade e os arrendatários e falava incessantemente sobre o clima. *O clima*, pelo amor de Deus! Os irmãos Ravenels, antes tão divertidos, haviam se tornado tediosos como todo mundo.

Tom entrou em uma sala de música vazia, onde encontrou uma grande poltrona em um canto pouco iluminado do cômodo. Depois de virá-la para que ficasse de costas para a porta, sentou-se e fechou os

olhos. O local estava silencioso como um túmulo, exceto pelo tique-taque discreto de um relógio em algum lugar. Ele suspirou, sentindo um cansaço fora do comum envolvê-lo como uma névoa suave. Muita gente brincava com ele ao comentar sobre sua vitalidade e seu ritmo de vida acelerado, afirmando que era impossível acompanhá-lo. Agora, parecia que ele não conseguia acompanhar a si mesmo.

Precisava fazer alguma coisa para despertar desse feitiço.

Talvez devesse se casar. Aos 31 anos, já estava na hora de ter uma esposa e filhos. Havia dezenas de jovens adequadas bem ali, todas de sangue azul e bem-educadas. Casar-se com uma delas o ajudaria a se promover socialmente. Tom pensou nas irmãs Ravenels. A mais velha, Helen, tinha se casado com Rhys Winterborne, e ali, naquela manhã, lady Pandora acabara de se casar com lorde St. Vincent. Mas havia uma irmã sobrando: a gêmea de Pandora, Cassandra.

Tom ainda não fora apresentado a ela, mas tivera um vislumbre da moça no jantar da noite anterior, por entre vários arranjos de mesa e uma floresta de candelabros de prata. Pelo que conseguira ver, Cassandra era jovem, loura e quieta, o que não era exatamente *tudo* o que ele queria em uma esposa, mas já era um bom começo.

O som de alguém entrando na sala invadiu seus pensamentos. *Maldição*. Das dezenas de cômodos desocupados naquele andar da casa, tinham que entrar justamente naquele... Tom estava prestes a se levantar para que o vissem, mas um choro feminino fez com que se encolhesse mais fundo na poltrona. *Ah, não*.

– Desculpe – disse uma voz de mulher, trêmula. – Não sei por que estou tão emotiva.

Por um momento, Tom achou que ela estivesse falando com ele, mas então um homem respondeu:

– Imagino que não seja fácil se separar de uma irmã que sempre foi sua companheira mais próxima. Ainda mais uma irmã gêmea – disse West Ravenel, no tom mais terno e íntimo que Tom já o escutara usar.

– É só porque sei que vou sentir falta dela. Mas estou feliz por Pandora ter encontrado o amor. Muito feliz... – A voz dela falhou.

– Estou vendo... – disse West, com uma ironia carinhosa. – Aqui, pegue este lenço e vamos enxugar essas lágrimas de alegria.

– Obrigada.

– Seria muito natural – comentou West de modo gentil – que sentisse uma ponta de inveja. Não é segredo que você sempre quis encontrar um par, ao passo que Pandora se dizia determinada a jamais se casar.

– Não estou com inveja. Estou preocupada. – A mulher assoou o nariz com uma fungadinha delicada. – Fui a todos os jantares e bailes, e conheci *todo mundo*. Alguns dos cavalheiros solteiros foram muito agradáveis, mas, mesmo não havendo nada de terrivelmente errado com nenhum deles, também não havia nada de terrivelmente certo. Desisti de tentar encontrar o amor. Agora quero apenas alguém a quem eu possa vir a amar com o tempo, e não consigo encontrar nem isso. Há alguma coisa errada comigo. Vou acabar me tornando uma velha solteirona.

– Não existe essa história de velha solteirona.

– E como você chamaria uma dama de meia-idade que nunca se casou?

– Uma mulher exigente? – sugeriu West.

– *Você* talvez chame assim, mas todas as outras pessoas chamam de “velha solteirona”. – Ela fez uma pausa mal-humorada. – Além disso, estou roliça demais. Todos os meus vestidos estão apertados.

– Você está com a aparência de sempre.

– Meu vestido teve que ser ajustado ontem. Os botões das costas não fechavam de jeito nenhum.

Tom se virou furtivamente na poltrona e espiou pela borda. Na mesma hora, perdeu o fôlego ao olhar para a mulher na sala, maravilhado.

Pela primeira vez na vida, Tom Severin estava estupefato. Estupefato e arrasado.

Ela era linda como eram lindos o fogo e a luz do sol – quente, cintilante e dourada. Vê-la provocou em Tom uma sensação de vazio, de fome. Aquela mulher era tudo pelo que ele ansiara em sua juventude desfavorecida, cada esperança e cada oportunidade perdidas.

– Meu bem – murmurou West, sempre gentil –, me escute. Não precisa se preocupar. Você vai conhecer alguém, ou vai reconsiderar alguém a quem a princípio não deu importância. Alguns homens são uma questão de hábito. Como ostras, ou queijo gorgonzola.

Ela deixou escapar um suspiro trêmulo.

– Primo West, se eu não me casar até os 25 anos... e você ainda for

solteiro... você seria a minha ostra?

West a encarou, perplexo.

– Vamos combinar que nos casaremos algum dia, se ninguém mais nos quiser – continuou ela. – Eu seria uma boa esposa. Sempre sonhei ter a minha própria família e um lar feliz onde todos se sintam seguros e bem-vindos. Você sabe que não sou de importunar, ou de bater portas, nem costume ficar emburrada pelos cantos. Só preciso de uma pessoa da qual eu possa cuidar. Quero ser importante para alguém. Antes que você recuse...

– Lady Cassandra Ravenel – interrompeu West –, essa é a ideia mais idiota que alguém já teve desde que Napoleão resolveu invadir a Rússia.

A expressão dela agora era de contrariedade.

– Por quê?

– Além de uma imensa variedade de razões, você é jovem demais para mim.

– Você não é mais velho do que lorde St. Vincent, e ele acabou de se casar com a minha irmã gêmea.

– Sou mais velho do que ele por dentro, décadas mais velho. Minha alma é uma uva-passa. Acredite em mim, você não vai querer ser minha esposa.

– Seria melhor do que ficar solitária.

– Que bobagem. “Sozinha” e “solitária” são coisas inteiramente diferentes. – West estendeu a mão para tirar um cacho dourado que havia ficado preso à face molhada de lágrimas. – Agora, lave o rosto com água fria e...

– Eu serei sua ostra – intrometeu-se Tom.

Ele se levantou da poltrona e se aproximou dos dois, que o encararam, boquiabertos.

O próprio Tom também estava mais do que um pouco surpreso com o impulso. Se havia uma coisa em que era bom, era em negociar acordos, e não era *assim* que se começava. Com algumas poucas palavras ele conseguira se colocar na posição mais vulnerável possível.

Mas ele queria tanto aquela jovem que não conseguiu se conter.

Quanto mais perto dela chegava, mais difícil ficava pensar com clareza. Sentia o coração acelerado, prestes a escapar do peito.

Cassandra se aproximou de West, como se quisesse se proteger, e

olhou para Tom como se ele fosse um lunático. Tom não poderia culpá-la. Na verdade, ele já se arrependera daquela abordagem, mas era tarde demais para voltar atrás.

West o encarava, carrancudo.

– Severin, que diabo está fazendo aqui?

– Eu estava descansando na poltrona. Depois que vocês começaram a conversar, não consegui encontrar um bom momento para interromper.

Tom não conseguia afastar os olhos dos de Cassandra. Eram grandes e fascinantes, de um azul da meia-noite, e cintilavam de lágrimas. Suas curvas pareciam firmes e maravilhosas, sem ângulos duros ou linhas retas... nada além de uma suavidade sensual e convidativa. Se conseguisse tê-la para si, talvez finalmente experimentasse o sossego do qual os outros homens desfrutavam. Não passaria mais cada minuto do dia buscando e desejando, sem nunca se sentir satisfeito.

– Eu me casarei com a senhorita – disse Tom a ela. – A qualquer momento. Sob quaisquer termos.

West empurrou Cassandra gentilmente na direção da porta.

– Vá, querida, enquanto eu troco uma palavrinha com este homem insano.

Ela assentiu para o primo, confusa, e obedeceu.

Depois que Cassandra saiu, Tom chamou em um tom urgente, sem pensar:

– Milady?

Ela reapareceu lentamente, espiando por trás do batente.

Tom não estava certo do que dizer, só sabia que não podia permitir que ela fosse embora pensando ser qualquer coisa menos do que perfeita, que era exatamente o que lady Cassandra era.

– A senhorita não é roliça demais – disse ele, bruscamente. – Quanto mais a senhorita ocupar o mundo, melhor.

Em matéria de elogios, aquele não tinha sido eloquente, nem sequer apropriado. Mas uma expressão divertida fez cintilar o único olho azul visível antes de Cassandra desaparecer outra vez.

Cada músculo do corpo de Tom se retesou com o instinto de seguir o rastro do perfume dela, como um cão farejador.

West se virou para encarar Tom, a expressão perplexa e aborrecida.

Antes que o amigo pudesse dizer qualquer coisa, Tom perguntou

com urgência:

– Posso ficar com ela?

– Não.

– Eu preciso ficar com ela, por favor, West...

– *Não*.

Tom assumiu uma postura de homem de negócios.

– Então *você* quer ficar com ela. Perfeitamente compreensível. Vamos negociar.

– Você acabou de me ouvir dizer que não me casaria com ela – lembrou West, irritado.

O que Tom não acreditara ser verdade nem por um momento. Como West ou qualquer outro homem em perfeito juízo poderia não desejar aquela mulher com uma intensidade avassaladora?

– Obviamente foi uma estratégia para atraí-la mais tarde – disse Tom.

– Mas eu ofereço um quarto de uma companhia ferroviária por ela. Além de ações na companhia de terraplanagem. Ainda posso acrescentar um bom valor em espécie. É só dizer quanto.

– Você enlouqueceu? Lady Cassandra não é um objeto que eu possa entregar a você, como um guarda-chuva. Na verdade, eu não lhe daria nem um guarda-chuva.

– Você poderia convencê-la. Ela obviamente confia em você.

– E acha que eu usaria isso contra ela?

Tom estava ficando impaciente.

– De que adianta ter a confiança de alguém se não se pode usá-la contra a pessoa?

– Lady Cassandra nunca vai se casar com você, Severin – declarou West, exasperado.

– Mas ela é o que eu sempre quis.

– Como sabe? Até agora, tudo o que você viu foi uma bela jovem de cabelos louros e olhos azuis. Já lhe ocorreu se perguntar como ela é por dentro?

– Não. Eu não me importo. Ela pode ser o que quiser por dentro, desde que me deixe ter o que ela é por fora. – Ao ver a expressão de West, Tom acrescentou, um pouco na defensiva: – Você sabe que nunca fui um desses tipos sentimentais.

– Está se referindo aos tipos que têm emoções humanas? – perguntou

West, ácido.

– Eu tenho emoções. – Tom fez uma pausa. – Quando quero.

– Estou tendo uma emoção neste exato momento. E vou me afastar de você antes que ela me obrigue a encostar a sola da minha bota no seu traseiro, está bem? – West o fuzilou com o olhar. – Fique longe dela, Tom. Encontre outra jovem inocente para corromper. Tenho motivos suficientes para assassiná-lo só pelo que você já disse até aqui.

Tom ergueu as sobrancelhas.

– Ainda está chateado por causa da negociação daquele contrato? – perguntou ele, com um toque de surpresa.

– Nunca superarei – informou West. – Você tentou nos enganar para que não aproveitássemos o benefício das nossas próprias terras mesmo sabendo que estávamos à beira da falência.

– Eram negócios, West – protestou Tom.

– Sim, mas não somos amigos?

– Amigos, amigos, negócios à parte.

– Está tentando dizer que por você tudo bem se um amigo tentasse depená-lo, ainda mais se você quisesse o dinheiro?

– Eu sempre quero o dinheiro. Por isso tenho tanto. E não, eu não me importaria se um amigo tentasse me ludibriar... Eu respeitaria o esforço dele.

– É, provavelmente – disse West, mas não como um elogio. – Você pode ser um desgraçado desalmado e com o apetite desenfreado de um tubarão, mas sempre foi sincero.

– E você sempre foi justo. Por isso estou pedindo que fale com lady Cassandra sobre as minhas qualidades, e sobre os defeitos também.

– *Que* qualidades? – perguntou West, muito sério.

Tom teve que pensar por um momento.

– Minha fortuna inesgotável? – sugeriu.

West gemeu e balançou a cabeça.

– Eu até sentiria pena de você, Tom, se você não fosse um cretino tão egoísta. Já o vi agir assim antes e sei aonde isso levará. Por isso você tem mais casas do que consegue ocupar, mais cavalos do que poderia montar e mais quadros do que paredes para pendurá-los. Inevitavelmente chegará o momento em que vai se sentir desapontado. Assim que consegue adquirir o objeto do seu desejo, ele perde o encanto para você.

E, sabendo disso, acha que Devon ou eu algum dia permitiríamos que você cortejasse Cassandra?

– Eu não perderia o interesse pela minha esposa.

– Ah, é? E por que com sua esposa seria diferente? – perguntou West, com delicadeza. – Você só se importa com a conquista.

CAPÍTULO 2

Depois de sair da sala de música, Cassandra subiu correndo para lavar o rosto no quarto. Uma compressa fria e úmida nos olhos ajudou a diminuir a vermelhidão, mas não havia nada capaz de aliviar o sofrimento profundo que a abateu após ver a carruagem de Pandora se afastando. Sua irmã gêmea, sua outra metade, começaria uma nova vida com o marido, lorde St. Vincent. E Cassandra estava sozinha.

Controlou a vontade de voltar a chorar e desceu devagar a grande escadaria dupla que levava ao amplo saguão de entrada. Teria que socializar com os convidados no espaço formal dos jardins, onde fora montado um bufê. Eles se serviam como e quando queriam, enchendo seus pratos com pães recém-saídos do forno, torradas com ovos pochés, codorna defumada, salada de frutas e fatias de charlotte de morango feita com pão de ló e creme bávaro. Criados atravessavam o saguão de entrada com bandejas de café, chá e champanhe gelado.

Normalmente aquele era o tipo de evento que Cassandra teria aproveitado imensamente. Ela adorava um bom café da manhã, especialmente quando havia algo doce para arrematar a refeição, e charlotte de morango era uma de suas sobremesas favoritas. Naquele momento, porém, não estava com disposição para conversar com ninguém. Além disso, andara comendo doces em demasia ultimamente... a tartelete no chá da véspera, e todos os sorbets de frutas servidos entre cada prato do jantar na noite anterior, e depois um éclair inteiro, recheado com muito creme de amêndoas e coberto com uma farta camada de glacê. E ainda uma das pequenas flores decorativas de marzipã de uma travessa de sobremesas.

No meio da escada, Cassandra teve que fazer uma pausa, ofegante. Ela pousou a mão sob as costelas, onde o espartilho havia sido apertado com mais firmeza do que o normal. Via de regra, os espartilhos do dia a dia eram ajustados apenas com o objetivo de dar firmeza às costas e